

## OS ABC DE CANUDOS

José Calasans

A campanha de Canudos, nos últimos anos do século XIX, movimentou os poetas populares do Brasil, principalmente os da Bahia, em cujo território se travou a renhida luta sertaneja. É abundante o material poético já recolhido a respeito de Antonio Conselheiro e sua gente, contando os "milagres", descrevendo combates, divulgando idéias do "conselheirismo". Desde Sílvio Romero, em 1879, quando o Bom Jesus Conselheiro ainda não dominara o nordeste místico, até os nossos dias, os pesquisadores têm encontrado apreciável documentação rimada sobre o grande movimento messiânico dos sertões baianos. Hélio Damante, há pouco tempo, falou em "Canudos e seu vastíssimo cancionero"<sup>1</sup>. É, realmente, riquíssimo o romanceiro da guerra de Canudos, que já tivemos ensejo de estudar em alguns trabalhos, embora não nos fosse ainda possível coligir tudo quanto existe em torno do conhecido e dramático, episódio da história brasileira<sup>2</sup>.

Na literatura de cordel, nos versos soltos, na letra da sambas, em ABC, o tema Canudos é largamente versado. Nas páginas que se seguem, vamos acompanhar a história da guerra do Conselheiro através de três ABC do nosso conhecimento. Dois deles completos e fragmento de um terceiro. Os primeiros, recolhidos por Euclides da Cunha, registrados na "caderneta de campo" do ensaísta, hoje pertencente ao Instituto Histórico Brasileiro. O último, apenas em parte conhecido, ouvimos recitado por José Cerqueira, sertanejo, falecido em avançada idade. O velho Zé Cerqueira, bom narrador de casos, aprendera os versos do ABC, nos tempos de sua meninice, em Jeremoabo<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> DAMANTE, Hélio. "A batalha de Itararé" e o folclore das Revoluções. In: *Rev. Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro. Ano VII, nº 19. Setembro-dezembro 1967. p. 254.

<sup>2</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Bahia. Tip. Beneditina, 1950.  
**No tempo de Antonio Conselheiro**. Bahia. Liv. Progresso. Ed. 1960.

<sup>3</sup> José Cerqueira (1882-1969) era natural de Jeremoabo. Bahia, cidade próxima à zona onde se travou a luta.

O ABC, composição poética cujos versos iniciais vêm dispostos em ordem alfabética, geralmente quadras ou sextilhas, remonta à Idade Antiga. Segundo Luís da Câmara Cascudo, que pesquisou o assunto em "Vaqueiros e Cantadores", a mais velha obra no gênero de que se tem notícia é o **Psalmus contra partem Donati**, também denominado **Psalmus abecedarius**, escrito por Santo Agostinho, em 393<sup>4</sup>. O ABC, de origem erudita, desenvolveu-se em Portugal, tendo Luís de Camões produzido também seu ABC em tercetos<sup>5</sup>. No Brasil, o gênero pegou e floresceu, com muita aceitação, na poesia do povo. Os folcloristas, sobretudo no Nordeste, têm enriquecido o nosso romanceiro coligando numerosos "versos dispostos em ordem alfabética". Inúmeros bichos, sobretudo touros e vacas, famanazes do cangaço, políticos de penetração nas camadas populares, fatos de larga repercussão no meio do povo fazem jus à consagração rimada de um ABC. Na Bahia, o de Lucas da Feira, de autoria de Sousa Velho, oficial de justiça em Feira de Santana, narrando a vida de um salteador de estradas, o preto Lucas Evangelista, alcançou sucesso e popularidade, chegando até os dias atuais. Gênero, hoje, evidentemente em decadência, o ABC, a princípio apresentado em quadras e depois em sextilhas, ainda vicejava ao tempo de Canudos e, por isto mesmo, não poderia deixar de figurar no cancionário popular de então.

Não existe qualquer menção a ABC no livro de Euclides da Cunha. Em "Os Sertões" nenhuma vez aparece a denominação. O consagrado escritor fala, apenas, de um modo genérico, em versos, em rimas, quer quando trata do sertanejo em geral, quer quando observa os costumes do jagunço do Belo Monte, em particular. No primeiro caso, conceitua: "E ali estão, com as suas vestes características, os seus hábitos antigos, o seu estranho aferro às tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado ao fanatismo, e o seu exagerado ponto de honra, e o seu folclore belíssimo de rimas de três séculos"<sup>6</sup>. Depois, tratando

<sup>4</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Pôrto Alegre. Liv. Globo, 1939. p. 53.

<sup>5</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **op. cit.**, p. 54.

<sup>6</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**, Rio de Janeiro, **Laemert** 1902. p. 101.

do prestígio exercido por Antonio Conselheiro, escreveu: "Os rudes poetas rimando-lhe dos desvarios em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixam bem vivos documentos nos versos disparatados que lemos pensando, como Renan, que há, rude e eloqüente, a segunda bíblia do gênero humano, nesse gaguejar do povo"<sup>7</sup>.

Entretanto, sem dúvida alguma, foi dos dois ABC que Euclides da Cunha retirou as quadras, em número de 7, incluídas no seu grande livro<sup>8</sup> e também respigou a informação das "14 batalhas" do coronel Moreira César<sup>9</sup>. Vamos às provas.

Supomos, em vista de um trecho de "Os Sertões", haver Euclides da Cunha obtido seu documentário poético no próprio campo da luta, no vencido arraial do Belo Monte, como a jagunçada batizara Canudos. Disse ele, reconstituindo o "mais pobre saque da história": "Ora, no mais pobre dos saques registrados pela história, em que foram despojos opimos imagens mutiladas e rosários de coco, o que mais acirrava a cobiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos e, principalmente, os desgraçados versos encontrados"<sup>10</sup>. Havia poetas em Canudos. "Canudos tinha sua lira", anotou Lelis Piedade, jornalista baiano que andou por perto do teatro das operações, "tinha e enriqueceu-a muito com os primeiros acontecimentos, com os primeiros fogos que dizimaram os desgraçados fanáticos"<sup>11</sup>. Um daqueles "rudes poetas", o centenário Honório Vilanova, ainda vivo em Assaré, recordaria muitíssimos anos depois, falando a Nertan Macedo, "uns versos de cabeça" que compusera<sup>12</sup>. Entre os jagunços, possivelmente, muitos sabiam **tirar versos de cabeça**, como o irmão do conhecido negociante do

---

<sup>7</sup> CUNHA. Euclides da. **Op. cit.**, p. 212.

<sup>8</sup> CUNHA, Euclides da. **Op. cit.**, p. 212-3.

<sup>9</sup> CUNHA, Euclides da. **Op. cit.**, p. 322.

<sup>10</sup> CUNHA, Euclides da. **Op. cit.**, p. 211.

<sup>11</sup> CHIACHIO, Carlos. **Euclides da Cunha**. Aspectos singulares. Edições Ala, 1940. N° 6, p. 37.

<sup>12</sup> MACEDO. Nertan. **Memorial de Vilanova**. Rio de Janeiro. Ed. Cruzeiro, 1964. p. 138.

Belo Monte, Antonio Vilanova. Tudo leva a crer, portanto, que os ABC copiados por Euclides da Cunha, tão favoráveis a Antonio Conselheiro, tenham sido feitos pelos próprios jagunços conselheiristas.

Devemos ao historiador Hélio Viana, da Universidade Federal da Guanabara, as cópias dos dois ABC que se encontram na "caderneta" de Euclides da Cunha. Nas notas que teve a gentileza de nos enviar, o ilustre professor prestou as seguintes informações: "1º) ABC de Canudos recolhido por Euclides da Cunha, sem título, em sua Caderneta de campo. I.H.G.B. 27 quadras das quais só 10 riscadas; 2.º) O ABC das incredulidades, 25 estâncias de 6 versos cada, dos quais só 8 riscadas". O infatigável pesquisador Antonio Simões dos Reis, em 1938, na "Gazeta de Notícias", Rio, tratou, em dois artigos, do acervo folclórico guardado pelo autor de "Os Sertões", tendo denominado "O ABC de Moreira César" à "poesia-alfabética" que consta da caderneta de campo com o título de "ABC das incredulidades"<sup>13</sup>.

Temos, portanto, dois ABC recolhidos por Euclides da Cunha. Um, sem título, com 27 quadras; outro, denominado "das incredulidades", na referida caderneta, ao qual Simões dos Reis chamou o "ABC de Moreira César", com 25 sextilhas. Contam fases diferentes da vida de Antonio Conselheiro: O primeiro teria sido escrito em 1893; o segundo data de 1897. O primeiro é mais "doutrinário" do que o último, dedicado à vitória dos "conselheiristas" contra Moreira César e seus comandados.

Vejamos, inicialmente, a "obra" mais antiga, aqui transcrita na íntegra, conforme nos forneceu o professor Hélio Viana:

A 15 de Novembro  
Não se pôde resistir  
Tirarão govêrno da Côrte  
Para disgraça do Brasil.

Brincando ficárão êles

---

<sup>13</sup> EUCLIDES, Rio de Janeiro. 1940. t.2. n.12 agosto. P. 214-5.

Com tôda a fidalguia  
Já vêm os reis mais perto  
Fazendo grande Armonia.

Caio D. Pedro Segundo  
Para o reino de Lisboa  
Acabosse a Monarquia  
E Brasil ficou atôa.

Dizem que são Império  
para o mundo governar  
Deus já foi servido  
algum geito há de dar.

E o que quero encomendar  
a meus amigos Brasileiro  
a homem que tiver pensar  
não entre na lei estrangeira.

Fizerão grande Barulho  
que o povo desertou  
só se for o mesmo Deus  
ou D. Pedro Imperador.

Garantidos pela lei  
êsses malvados já estão  
uns têm a lei de Deus  
outros a lei do Cão.

Homem de grande ciência  
Como Padres e Doutores  
mitidos nesta lei  
como em já são defençores.

Indo a força pa cima  
O concelhero malhar  
nas catingas de Machete  
lá foram todos se acabar.

Jemendo ficarão êles  
i um tanto arrependido  
de ver tanto povo morto  
e muita gente ferido.

Kasamento estão fazendo  
para o povo inludir  
a casar o povo todo  
no casamento civil.

Liodoro como quis  
êste povo cativar  
pa tomar conta do Mundo  
pa êle governar.

Muito desgraçados êles  
de fazerem a leição  
abatendo a lei de Deus  
suspendendo a lei do Cão.

Nasseo o Anticristo  
pa o mundo governar  
até estar o concelheiro  
pa dele nos livrar.

Ó que dia assinalado  
que estamos pa ver  
de pobre si aquietar  
e o Rico correr.

Patentes tem tirado  
que já faz aborrecer  
o Cão tem dado titulo  
para êles arreceber.

Queimado seja aquele  
Que a Deus não deslovar

do Ceu não espera nada  
no Inferno acabará. (?)

Rio Grande estar em guerra  
Com tamanha valentia  
acabando com a Republica  
a favor da Monarquia.

Sebastião já chegou  
Com tamanho (conta muito?) rigimento  
acabando com o Civil  
e fazendo os casamento

Tanta gente que siassigna  
nesta lei de falcidade  
xamemos por Jesus  
que de nos tenha piedade

U que reis de formosura  
Como é Sebastião  
foi chamado pelo mundo  
da portuguesa Nassão.

Visita vem fazer  
Rei D. Sebastião  
Coitadinho daquele pobre  
que estiver na lei do Cão.

Xorando já estão eles  
por siver nas amargura  
de ver o povo de Dezer  
que esta lei não atura.

Yndo pa cidade  
se curso alcançar  
de tente da Capadadão  
de lá se vae arrancar.

Zinco e cobre e dinheiro  
tudo está arrecolhido  
para tomar conta  
do Rio de Janeiro.

no til falemos nos  
por ser letra de pertugal  
Viva Antonio Conselheiro  
no ceu, em todo lugar.

A meus Am<sup>o</sup> Brasileiros  
perdão quero pedir  
isto tem de acontecer  
não tem pa onde fugir.

Do texto primitivo, retirou Euclides da Cunha sete trovas, anotando:"Conservamos os originais destas quadras, cuja ortografia alteramos em parte"<sup>14</sup>. Não ficou, apenas, na ortografia, observemos. Alguma coisa mais aparece modificada no registro euclidiano. Provemos a afirmação, colocando lado a lado o que está consignado na "caderneta" e o que figura em "Os Sertões".

#### **Caderneta**

Caio D. Pedro Segundo

Para o reino de Lisboa

Acabosse a Monarquia

O Brasil ficou atôa

Garantidos pela lei

esses malvados já estão

uns têm a lei de Deus

outros a lei do Cão

Muito desgraçados êles

de fazerem a leição

abatendo a lei de Deus

suspendendo a lei do Cão

Kasamento estão fazendo

para o povo inludir

e casar o povo todo

no casamento civil

Sebastião já chegou

Comta manha (conta muito?)

Regimento

---

<sup>14</sup> CUNHA, Euclides da. **Op. cit.**, p. 213.

acabando com o civil  
e fazendo o casamento

Nasceu o Anticristo  
para o mundo governar  
até estar o concelheiro  
para dele nos livrar

Visita vem fazer  
Rei d. Sebastião  
Coitadinho daquele pobre  
que estiver na lei do Cão

### **Os Sertões**

Saiu D. Pedro Segundo  
Para o Reyno de Lisboa  
Acabosse a Monarquia  
O Brazil ficou atôa

Garantidos pela lei  
Aqueles malvados estão  
Nós temos a lei de Deus  
Êles tem a lei do Cão

Bem desgraçados são eles  
Pra fazerem eleição  
Abatendo a lei de Deus  
Suspendendo a lei do Cão!

Casamento vão fazendo  
Só para o povo iludir  
Vão casar o povo todo  
No casamento civil

D. Sebastião já chegou  
E traz muito regimento  
Acabando com o civil  
E fazendo o casamento

O Anti-Cristo nasceu  
Para o Brazil governar  
Mas ahi está o Conselheiro  
Para delle nos livrar

Visita nos vem fazer  
Nosso rei d. Sebastião  
Coitado daquele pobre  
Que estiver na lei do cão

Transcrevendo algumas trovas da composição anônima, pretendia Euclides da Cunha dar uma visão do "pensamento vivo" de Antonio Conselheiro. Seu monarquismo, sua aversão a todas as inovações do regime implantado a 15 de novembro, a começar pelo casamento civil; seu "sebastianismo", sua fidelidade ao monarca destronado, que foi, indiscutivelmente, o motivo mais forte do seu desentendimento com o poder instituído. A queda de Pedro II tomou para o Bom Jesus Conselheiro as proporções de um trabalho do Demônio, de uma obra do Cão. O que o ABC proclama, insistentemente, a existência de uma "lei do Cão" no Brasil, que precisava ser destruída, reflete, com exatidão, o modo' de sentir do peregrino cearense. A tese de que a República resultara da interferência do Demônio está bem clara em várias e conhecidas manifestações de Antonio Conselheiro.

O ABC em apreço, no nosso modo de entender, pode ser considerado, até prova em contrário, como a mais violenta criação da nossa poética popular contra o **15 de novembro**, o que vale dizer contra a República. É um documento de sentido "restaurador", fadado, sem dúvida, a exercer profunda influência na massa sertaneja reduzida pelos "conselhos" do místico de Canudos. Um ABC de pregação política, de combate ao regime republicano, de confiança na volta de D. Sebastião e na força do Conselheiro, capaz de conter a própria ação do Anticristo.

Dá-nos o ABC em estudo, que bem podia ser denominado "ABC restaurador", algumas notas de caráter histórico que nos permitirão calcular a época do seu aparecimento. É peça de 1893, porque menciona um fato do citado ano. O primeiro choque armado do Conselheiro com a polícia baiana, às margens do riacho Masseté, no atual município do Tucano. Euclides escreveu Massete e no ABC vem grifado Machete, porém Salomão de Sousa Dantas, que conhecia perfeitamente a zona, consignou Masseté<sup>15</sup>. A luta travada em maio de 1893,

---

<sup>15</sup> DANTAS, Salomão de Sousa. **Aspectos e contrastes**. Rio de Janeiro. Rev. dos Tribunais, 1922. p. 146.

"marcou o início do poderio militar do Conselheiro", considerou algum tempo depois o Dr. Salomão Dantas, que esteve no meio dos exaltados "conselheiristas" pouco antes do sangrento encontro<sup>16</sup>. Admitimos, com justas razões, que o ABC tenha surgido com o intuito de focalizar o sucesso das armas do Conselheiro, que repeliu e pôs em fuga a tropa do tenente Virgílio Almeida. Duas quadras rememoram o episódio:

Indo a força pa cima  
O concelheiro malhar  
nas catingas de Machete  
lá foram todos se acabar.

Jemendo ficarão eles  
i urna tanto arrependido  
de ver tanto povo morto  
e muita gente ferido.

Outro elemento que nos leva a pensar em 1893 é a trova referente aos acontecimentos do Rio Grande do Sul, onde rebentara, em fevereiro, a revolução federalista.

Rio Grande estar em guerra  
Com tamanha valentia  
acabando com a Republica  
a favor da Monarquia.

E, finalmente, a ausência de qualquer menção a Canudos, local em que se abrigaria Antonio Conselheiro após o combate de Masseté. Não falar em Canudos ou Belo Monte, parece-nos a comprovação de que o ABC apareceu logo depois do combate de maio, antes mesmo da chegada do Conselheiro e seus seguidores à abandonada fazenda de criar situada à margem do Vaza-Barris, que se tornou o trágico cenário da terrível guerra de 1897.

O segundo ABC, dito de "Moreira César", é de 1897. Escrito para celebrar a maior e mais retumbante vitória dos habitantes do Belo Monte, o segundo ABC

---

<sup>16</sup> DANTAS, Salomão de Sousa. **Op, cit.** p. 150.

teria aparecido logo e logo depois do desastre e morte de Moreira César. É uma composição desumana, que não respeita a memória do inimigo vencido e morto. Aliás, vale assinalar, foi esta a tônica da poesia popular em torno da morte dramática do coronel Antonio Moreira César, comandante da terceira expedição contra Canudos. Seu sacrifício foi olhado sempre com desprezo pelos vates populares de ontem e de hoje. É tema mesmo para um ensaio especial, o ódio a Moreira César, gravado no espírito do povo. Como que para ele não há perdão. Ódio e ironia cercam sua memória no sentimento popular. No ABC que lhe conta a malograda diligência, nenhuma palavra da mais leve compaixão, nenhum termo reconhecendo o heroísmo da sua morte. Tudo é alegria diante do seu desgraçado fim e confiança nos novos sucessos do Bom Jesus.

Leiamos.

Agora vou declará  
tudo quanto foi passado  
na batalha Bello Monte  
cos homem sivilizado  
que vinhero brigá com Deus  
ficaram acreditado.

Bem pudia elles saberem  
q. isto não pudia ser  
di virem com Deus  
q. he quem tem tanto puder  
i qui o nosso Conselhero  
não chega pa. elles ver.

Cahío este grande impio  
la do rio Janeiro. Vêo  
pirsigui o Bom Jesus  
i o nosso Conselheiro  
pa. só quem pode he Deus  
q. governa o mundo inteiro.

Daonde he este homem  
tão chêo di valentia

q. vem araza cidade  
di manhan athé meodía  
Quinta fera os zurubú  
Coelle fizeram fulia.

Eu sempre com munto medo  
mas mí puis arreparando  
os do Morera Sezar  
ado. vinha camiando  
dizendo aos seus soldadinho  
q. pa. perto fossem chegando.

Finalmente foram entrando  
i alguma cousa robaro  
mas crêa perfeitamente  
qui disto não se lucraro  
Quinta fera as 9 hora  
Corriam como cavallo.

Grandeza só tem Jesus  
Que nos livra de toudo mal  
assim como nos livrou  
deste castigo mortal  
daquele ímpio suberbo  
que vinha nos acabá

Homem q. só maginando  
ia matá os inocentes  
Pm. Deus o castigou  
inhuma hora derepente  
morreo logo os jeneraes  
commandantes i sargento.

Indo elle co muinta furia  
ao Bello Monte arazá  
mais elle se inganou  
que vinhero se acabá

q. Deus não ajuntou seu povo  
pa o demonho espalhá.

José Morera Sezar  
14 batalha vencêo  
nas 15 vêo ao Bello Monte  
e ozurubu o comeo  
sendo elle tão valente  
nem sei pr. que morreu.

Kalunia e mais calunia  
este povo levantou  
i correram fouram  
contar ao tal governador  
a fim de vim persigui  
ao nosso Salvador.

Lembrança ao Morera Sezar  
que o zurubu mandou  
i mandaro perguntá  
si elle algum dia Brigou  
i u q foi q teve agora  
que nos pelado ficou.

Morera Seza Thamarinho  
eram os 2 vendedores  
qe viam ao Bello Monte  
como raios abrazadoures  
mas ozurubú comeo  
estes cabra matadoures.

Na Qarta fera de sinza  
as 11 hora do dia  
presipiouse a batalha  
na estada da friguizia  
o Snr. Morera Sezar  
Com o povo da companhia

chegaram no Bello Monte  
a pino do meio dia

Olhi que ignorança  
deste homem da bahia  
que. so querem pirsigui  
ao povo da companhia  
mas tem os nossos defeza  
Jesus José e Maria.

Pessa bouba é foguete  
Tudo isto nada virou  
porq. viam persigui  
As igreja do Senhor  
viam p'ra nos acabá  
i elles foi qe. si acabou.

Qapitão Morera Sezar  
hera homem de opinião  
veo dar carne aos zurubú  
nas catingas do sertão  
quem brigá com Bom Jesus  
não conta vitoria não.

Reis, Prinspes i commandante  
que aqui vier brigar  
toudos há di si acabar  
Como este generá  
q. veio mais não voltou  
não tem q. si quechá.

Snr. Morera Sezar  
hera um cabra Mal Criado  
tomou bala dos jagunço  
ficou morto nos pelado  
paresse se não mi engano  
entre inburana i salgado.

Treis mil e 50 prassas  
q. vinheram batalhá  
toudos viram o Bello Monte  
i muntos poco há de contá  
porq. só quem pode he Deus  
q. outro puder não há.

Us pobre dos soldadinho  
si viam tão avechado  
mitiamse na catinga  
corriam qui só viado.  
Cadê nosso generá  
ficou morto no pelado.

Vinha nois toudos  
fiado neste grande generá  
que vinha nos afiansando  
de u Bello Monte arraza  
mas elle já se acabou  
q. vamos nois fazer lá.

Xora elle sem remedio  
dizendo sempre o direito  
elle ficou nos pellado  
sabendo que me derreto  
enqnto mi lembra deste  
outro Crime não cometo.

Zombra rapaziada  
di um causo q. aconteseo  
di 2 generá valente  
q. na batalha morreurão  
q. viam com tanta furia  
i tão depressa correram.

Õ til é letra final

do A B C derradeiro  
isto he pa. dar inzemplo  
a estes homem desordero  
que so querem pirsigui  
o nosso Deus verdadeiro.

Obra de feição mais descritiva, o "ABC das incredulidades" não contém as **fomulações políticas** do trabalho anterior. O aedo anônimo que a compôs, possivelmente testemunha ocular da batalha,

(Eu sempre com munto medo  
mais mi puis arreparando  
os do Morera Sesar  
ado. vinha caminhando,)

objetivou descrever o acontecimento, apontando a força sobrenatural do Bom Jesus e a maldade dos homens que foram persegui-lo, inutilmente. Parece-nos que o segundo ABC, talvez em virtude do mento histórico do seu aparecimento, alcançou maior penetração no seio do povo, dando origem a inúmeros versos cantados em vários pontos do Nordeste brasileiro, com a mesma temática. Outra hipótese também pode ser apontada. O poema teria sido o somatório de alguns "versos feitos", correntes na época, que o menestrel adaptou a Moreira César e Antônio Conselheiro, incorporando-os ao ABC. É o caso, por exemplo, do número de batalhas vencidas pelo comandante da 3ª expedição. Euclides da Cunha constatara, falando dos feitos de Moreira César: "Imaginaram-no herói de grande número de batalhas, quatorze como especificou um rude poeta sertanejo, no canto que depois consagrou à campanha"<sup>17</sup>. Está numa das sextilhas do ABC, onde aparece errado, naturalmente por necessidade alfabética, o nome do coronel César.

José Moreira Sesar  
14 batalha venceu  
nas 15 vêo ao Belo Monte

<sup>17</sup> CUNHA, Euclides da. **Op. cit.**, p. 322.

e ozurubu o comeo  
sendo elle tão valente  
nem sei pro que morreu.

Em Sergipe, a beata Verônica, cantava a versão:

Capitão Moreira César  
Quatorze guerras venceu  
A terceira hão inteirou  
No Belo Monte morreu<sup>18</sup>.

Afrânio Peixoto recolheu trova contendo outros dados numéricos, porém dentro na mesma tecla

Capitão Moreira César  
Foi a guerra e não venceu  
Está com sete que vence  
Nas oito aribu comeu<sup>19</sup>

As referências às batalhas, principalmente na copla acima citada, talvez sejam simples adaptações de cantigas anteriormente espalhadas. Pereira da Costa ouviu em Pernambuco, a respeito de Luís do Rêgo, que governou a Capitania no começo do século XIX, duas quadras que bem poderiam ter inspirado a lira canudense:

Luiz do Rêgo foi guerreiro  
Sete campanhas venceu  
Mas na oitava de Goiana  
Luiz do Rêgo esmoreceu

Luiz do Rêgo foi guerreiro  
Sete batalhas venceu  
Mas na oitava de Goiana  
Deu de gâmbias e correu<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Com. pelo dr. José Higino Tavares de Macedo, Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, natural de Buquim, Sergipe. A **terceira** referida será a expedição?

<sup>19</sup> PEIXOTO, Afrânio. **Missangas**. São Paulo. Ed. Nacional, 1931. p.58.

<sup>20</sup> COSTA, Pereira da. **Folk-lore pernambucano**. Rev. do Instituto Histórico Brasileiro. 1908. t. 70, parte 3, p. 170.

Outra sextilha que se renovou em variantes, diz respeito a ser Moreira César "homem de opinião":

Coronel Morera Sésar  
hera homem de opinião  
vão dar carne aos zurubú  
nas catingas do sertão  
quem brigá com o Bom Jesus  
não conta vitória não.

Em duas quadras que nos foram transmitidas, o "home de opinião" passa a ser Antonio Conselheiro:

Antonio Conselheiro  
É home de opinião  
Matou Moreira César  
E venceu seu batalhão<sup>21</sup>.

A outra, bem mais recente, apresenta-se historicamente confusa. Refere-se a uma das "guerras" de Horácio de Matos, chefe de jagunços nos sertões baianos:

Antoninho Conselheiro  
Nêgo de opinião  
No barulho de Horácio  
Pegava bala na mão<sup>22</sup>.

O local da morte de Moreira César, que figura numa das sextilhas do ABC, tornou-se controvertido na poética popular. A versão do ABC, incerta, informa

Snr. Moreira Sesar  
hera um cabra Mal Criado  
tomou bala dos jagunços  
ficou morto nos pelado  
paresse se não mi engano  
entre imburana i salgado.

Conhecemos quatro quadras nas quais o assunto é focalizado:

Coronel Moreira César  
Folha de cana caiana

---

<sup>21</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. **O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro**. Bahia. Tip. Benedictina, 1950. p. 64.

<sup>22</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. **Op. cit.**, p. 96.

Tomou chumbo dos jagunços  
Foi morrer nas Umburanas

Coronel Moreira César  
Nó de cana caiana  
Tomou chumbo nas Queimadas  
Foi morrer nas Umburanas

Capitão Moreira César  
Folha de cana caiana  
Tomou chumbo nas Porteiras  
Foi morrer nas Umburanas

Coronel Moreira César  
Olhos de cana caiana  
Foi ferido nos Canudos  
Foi morrer nas Umburanas<sup>23</sup>

Discordam, nos versos acima, as informações a respeito do sítio em que teria sido ferido o infeliz militar. Canudos, Queimadas, Porteiras são os lugares apontados. Apenas há concordância quanto ao local do óbito, que todos dizem haver sido Umburanas, o que não é exato. Moreira César, mortalmente atingido no abdômen, na tarde de 3 de março de 1897, quando pessoalmente dirigia o ataque contra Canudos, faleceu na madrugada do dia seguinte, numa arruinada casa da chamada fazenda Velha, bem defronte do arraial jagunço. O fato, porém, não foi logo conhecido da tropa. Procurou-se evitar um abalo profundo, que repercutisse no ânimo dos soldados. Por isto mesmo, quando se fez a retirada na manhã do dia 4, o corpo do inditoso comandante foi carregado numa padiola, como se ainda estivesse vivo, apenas ferido. Somente depois, a nova da sua morte foi conhecida<sup>24</sup>. Atacados por todos os flancos, os ex-comandados de Moreira César entraram em pânico, abandonando o cadáver do irrequieto e destemido militar, que caiu em mãos dos jagunços. O corpo foi queimado no

---

<sup>23</sup> SILVA, José Calasans Brandão da. **Op. cit.**, p. 70.

<sup>24</sup> JORNAL DE NOTÍCIAS, Bahia, 11 março 1897.

riacho Umburanas, apurou Dantas Barreto, um dos coronéis da quarta expedição<sup>25</sup>. Aí ficaram os restos mortais de Antonio Moreira César. O velho Honório Vilanova, participante da peleja, homem bem informado, versejou então, após haver contribuído para a desordenada fuga dos atacantes:

Morreu o Moreira Cesar  
Lá no Alto da Favela  
Foi ficar nas Umburanas  
Ao redor dos canaviais  
Mas não chupou das cana."<sup>26</sup>

O ABC que o leitor já conhece totalmente, está cheio de equívocos, inclusive quanto ao número de soldados que formavam a malograda terceira expedição, exageradamente elevado para 3.050 homens, quando, em verdade, não passaram de 1.300 expedicionários. Moreira César e Tamarindo, que aparece como Thamarinho, eram coronéis e não generais do Exército<sup>27</sup>.

Os senões apontados e outros que ainda possam ser encontrados não invalidam o documento estudado, que tudo indica representar um depoimento contemporâneo e local sobre o maior desastre jamais sofrido pela força federal, nas catíngas brasileiras.

Do terceiro ABC, incompleto, possuímos, simplesmente, as cinco primeiras quadras. É anticonselheirista, criação, portanto, de um poeta republicano, que considera "sujos" os seguidores do Bom Jesus e expressa sua fé nos destinos da República. Aí deparamos, na terceira trova, menção ao coronel Moreira César, em versos semelhantes aos já aqui referidos a respeito de sua morte. Observemos, ainda, que o bardo do ABC de Zé Cerqueira possui formação intelectual bem superior aos dos autores anteriormente comentados. Basta ler o

---

<sup>25</sup> BARRETO, Dantas. **Última expedição a Canudos**. Porto Alegre. Franco Irmãos Ed., 1898. p. 237.

<sup>26</sup> MACEDO, Nertan. **Op. cit.**, p. 138.

<sup>27</sup> Pedro Nunes Batista Ferreira Tamarindo, coronel comandante do 9º batalhão, substituto de Moreira César, morreu também no dia 4, por ocasião da retirada.

que se segue, para ver a diferença de nível mental dos aedos populares, aqui recordados através dos versos que nos legaram:

Antonio rei monarquista  
Aposentado em Canudos  
Com a companhia de sujos  
Pregando contra a República

Bem sabe Antonio  
Que êle não há de vencer  
Que o govêrno republicano  
Para isto tem poder

Coronel Moreira César  
Olho de cana caiana  
Tomou chumbo dos jagunços  
Foi morrer nas Umburanas

Desenganado já estou  
De lutar nesta catinga  
Por isto diz o soldado  
Que eu já tenho é mandinga

É favor especial  
Não falar em monarquia  
Pois já estou azuado  
Com tanta fuzilaria.